

NÃO BASTA SER SAL, É PRECISO PRESERVAR SUAS QUALIDADES



"Vós sois o sal da terra; mas se o sal perder suas qualidades, como restaurá-lo? Para nada mais presta, senão para ser jogado fora e pisado pelos homens."
(Mateus 5.13 – Almeida Século 21)

O contexto da passagem bíblica acima remonta o momento em que o Senhor Jesus, tendo chamado seus primeiros seguidores, lhes apresenta uma visão geral dos privilégios e das obrigações de todo aquele que deseja ser participante do Reino de Deus.

O discurso de Jesus começa com o perfil completo do verdadeiro discípulo sob a forma de oito “bem-aventuranças” (cf. Mateus 5.3-11) que, se seguidas, gerarão recompensas na esfera da vida espiritual e do relacionamento com Deus. No final do discurso, o Senhor Jesus utiliza a figura do sal para ilustrar os seus seguidores.

O sal é considerado elemento essencial para o ser humano. No entanto, o sal só produzirá o efeito necessário no ambiente em que estiver inserido, quando ele se distinguir desse mesmo ambiente e, ao mesmo tempo, permanecer plenamente envolvido nele. Sal só é útil se estiver fora do saleiro e, ainda assim, se ele conservar todas as qualidades de sua composição. Sendo assim, como discípulos do Senhor Jesus, não basta sermos sal. É preciso que preservemos as qualidades, as características deste composto iônico cristalino. Mais que isso, é preciso que essas qualidades sejam permanentes e imutáveis.

A figura do sal é bastante comum na literatura judaica. Os rabinos usavam o sal como símbolo de sabedoria¹. É dessa forma que a Igreja de Cristo – representada pelos cristãos – deve ser vista e conhecida pela sociedade na qual está inserida. Sobre isso o apóstolo Paulo escreveu: “... *estai atentos para que o vosso procedimento não seja de tolos, mas de sábios, aproveitando bem cada oportunidade, porque os dias são maus. Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual é a vontade do Senhor*” (Efésios 5.15-17).

Quando nos propomos a entender os ensinamentos implícitos contidos na metáfora utilizada por Jesus, nos deparamos com princípios primordiais relativos a vida e a missão de todo cristão. Que princípios são esses? Como eles afetam a nossa realidade contemporânea? Vejamos:

¹ CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J.. *Comentário bíblico Vida Nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; James Reis; Lucília Marques P. da Silva; Márcio L. Redondo; Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2009. 1369 p.

Em primeiro lugar, o Senhor Jesus utiliza o pronome da segunda pessoa do plural – “vós”. A convocação de Cristo não é excludente ou exclusivista. Pelo contrário, é inclusiva e extensiva a todo ser humano – seja ele pobre ou rico, versado ou ignorante, membro comum da comunidade ou pertencente à liderança da igreja. O próprio Senhor declarou: “*Vinde a mim, todos...*” (cf. Mateus 11.28), “*Todo aquele que o Pai me dá virá a mim; e de modo algum rejeitarei quem vem a mim*” (João 6.37).

Em segundo lugar, o destaque da ilustração está no caráter e não nas obras – “vós sois”. É **ser** e não **estar**. O sal funciona em função do que é, não do que faz. Sal é sempre sal. Ele não pode se tornar açúcar, mesmo que a aparência entre eles seja semelhante. O discípulo sem um efeito salgado, nunca foi um verdadeiro discípulo. **Sal se refere a identidade**. Definida a identidade, se define a missão.

À princípio o sal possui duas funções principais: preservar e dar sabor². A passagem bíblica, parafraseada, coloca o Senhor Jesus declarando aos discípulos: “Veja a terra. Ela passa por um estágio de putrefação em vida, de deterioração. Ela está perdendo o sabor. A única forma de interromper o que acontece na terra, promovido pelo pecado, é a ação da Igreja no caminho. Vocês são o sal da terra. Vocês são responsáveis por impedir esse estado maligno de ser”. A missão da igreja é, em um mundo sem graça, levar o Evangelho da Graça a todos os que caminham em desgraça. Infelizmente o povo da Graça vem perdendo a graça e não provoca mudança alguma porque virou o povo do discurso, da acusação. Aos poucos a compaixão é substituída pela provocação, a harmonia pela beligerância, e o amor ao próximo pelo egoísmo – que é o amor por si mesmo, por tudo o que está diante do espelho.

A utilidade da igreja, a sua existência, só encontra sentido pela missão que ela cumpre do lado de fora, e não pela reunião que ela realiza do lado de dentro. A igreja que o Senhor Jesus abençoa é aquela que cuja reunião acontece dentro, mas os olhos dela estão voltados para fora, porque o campo é o mundo. **Uma igreja é valorizada pelo número de pessoas que ela serve do lado de fora e não pela quantidade de barulho que ela faz do lado de dentro**. Responda a si mesmo: Qual tem sido a relevância da sua comunidade local na rua onde ela está? Ela é conhecida ou reconhecida pelo o que? Pelo serviço que presta, ou pelo som que emite do interior do templo? Pela necessidade de ser útil aos que estão do lado de fora, ou pela vontade de ser vista e percebida pelos que estão do lado de dentro, na proporção do que acontece no culto?

O sal era artigo de grande valor e de alta demanda na época de Jesus. Soldados romanos muitas vezes recebiam o pagamento em sal – daí o termo “salário”. Sal era considerado oferta digna dos deuses. O discípulo deve ser uma influência que purifica, protege, cura, dá sabor e sede. Alguém que desperta o sentido espiritual e moral. Se ele manifestar as características do verdadeiro discípulo – humildade, compaixão, misericórdia, pureza etc. – seu testemunho terá esse efeito.

² Além de preservar e acentuar o sabor da comida, o sal também desperta o sedento e contém ações curativas e purificadoras.


Há casos em que o sal – camada exterior do sal-gema (sal de rocha) – perde a salinidade em virtude da ação do sol e da chuva, ou porque foi adulterado com outros minerais ou com algum tipo de impureza química. Na Síria e Palestina, é comum haver pilhas de sal espalhadas por toda parte porque o sal ficou insosso³. O composto continua sendo sal, mas sem utilidade. Houve o caso de um comerciante de Sidom que, para não ter que pagar impostos, trouxe clandestinamente uma grande quantidade de sal. Ele alugou sessenta e cinco casas e as encheu de sal. Mas as casas eram de chão batido e o sal que ficou perto do solo. Em poucos anos, o sal se estragou por completo. Enormes quantidades daquele sal foram, literalmente, lançadas na rua e pisoteadas por homens e mulheres. Ele não servia para mais nada⁴.

Quando a igreja tem os olhos voltados apenas para si, ela se torna sal dentro do saleiro, e quando sai dele, não percebe que já perdeu o sabor. Ela pode saber o que é e, ainda assim, não o ser. No tempo de Jesus, o sal (obtido às margens do mar Morto ou de pequenos lagos na beira do deserto da Síria) facilmente adquiria um gosto insosso e mofado por causa da mistura maior de gesso ou restos de plantas. Por isso não podia ficar muito tempo armazenado. Precisava sair do saleiro, entrar nas comidas. Da mesma forma, os cristãos vivos precisam se inserir no meio do mundo. Não perdemos a salvação por não frutificarmos naquilo que somos. Morreremos e iremos para o céu. Mas enquanto vivermos, viveremos em um inferno existencial. A nossa marca será o medo, a inutilidade, a alienação.

Infelizmente, a nossa cultura de evangelização mudou. Trocamos o “ide” por “vinde”. O nosso discurso evangelístico agora é “vinde à igreja, vinde ao culto em datas e horários específicos, vinde às reuniões de domingo à noite onde são feitos apelos à conversão etc.”. Não deve ser esse o discurso das igrejas. Só o Senhor Jesus pode dizer “vinde”, pois só Ele pode aliviar “*todos os que estão cansados e sobrecarregados*” (cf. Mateus 11.28). A missão da Igreja continua sendo “ir”, isto é, sair do saleiro.

Uma igreja não está morta quando deixa de se reunir. A igreja morre quando deixa de servir, de tornar a vida humana saborosa, agradável. Quando isso acontece ela se torna semelhante à Igreja em Sardes, que possuía obras tremendas, mas voltadas para dentro de si mesma (cf. Apocalipse 3.1).

Às vezes o Diabo se levanta para agir porque as pessoas que compõem a igreja estão sentadas no conforto de sua existência meramente contemplativa, dentro dos “saleiros”. **As pessoas crerão no Cristo que a gente prega, quando virem o Cristo que a gente prega, na forma como a gente vive e não na forma como a gente discursa.**

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 22/11/2015, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária - São Paulo/SP.

³ ROBERTSON, A. T.. *Comentário Mateus & Marcos: à luz do Novo Testamento grego*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. 69 p.

⁴ VINCENT, Marvin Richardson. *Vicent: estudo no vocabulário grego do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior e Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. 33 p. Vol. 1